

INSTITUTO ADOLFO LUTZ

J. P. CARVALHO LIMA

Diretor

O Instituto Adolfo Lutz é o Laboratório Central de Saúde Pública, do Departamento de Saúde de São Paulo. Criado pelo Decreto-lei n.º 11.522, de 26 de Outubro de 1940, substituiu na organização sanitária do Estado o antigo e tradicional Instituto Bacteriológico, que desde a sua fundação, em 1892, vinha desempenhando, integralmente, as funções de laboratório de Saúde Pública. Além das suas antigas atribuições, teve novos encargos, com a incorporação do Laboratório Bromatológico do Estado.

Esses dois Laboratórios: o Bacteriológico e o Bromatológico, nasceram no mesmo dia. Durante 48 anos prestaram, isoladamente, inestimáveis serviços a São Paulo, ao Brasil e à humanidade. Agora, reunidos, completam-se, constituindo o Laboratório Central de Saúde Pública que, em memória do grande sábio, seu fundador, falecido no Rio de Janeiro a 6 de Outubro de 1940, recebeu o nome de Instituto Adolfo Lutz.

Foi em 1892. A lei n.º 43, de 18 de Julho, assinada por Cerqueira Cesar, então vice-presidente do Estado, e Vicente de Carvalho, Secretário do Interior, autorizou a despesa para a montagem dos Laboratórios Bacteriológico, Vacinogênico, o de Análises Químicas e o Laboratório Farmacêutico. A lei n.º 87 consolidou o ato. No ano seguinte, pelo decreto n.º 159, de 28 de Fevereiro, sendo presidente do Estado o benemérito Bernardino de Campos e secretário do Interior, Cesário Mota Júnior, foi regulamentado o Instituto Bacteriológico que iniciou, desde logo, as suas funções de laboratório de Saúde Pública. Instalado, a princípio, à Rua Direita n.º 25, passou depois para o n.º 35. A direção foi confiada a Felix Le Dantec, biólogo francês, discípulo de Pasteur, e por ele indicado, quando Gabriel Piza, embaixador brasileiro em França, solicitado pelo Governo Brasileiro, pedira ao grande sábio indicar um nome para dirigir o novo Instituto. E Piza assim se expressa em carta a Cesário Mota Júnior: “o ilustre sábio Pasteur recomendou-me,

para dirigir o Instituto Bacteriológico, como pessoa muito digna, sob todos os pontos de vista, o seu discípulo Felix Le Dantec, antigo aluno da Escola Normal Superior, Doutor em Ciências Naturais, preparador do Instituto Pasteur”.

Biologista, Le Dantec iniciou a sua atividade não só no terreno das realizações práticas, como no campo das investigações científicas. Foram seus assistentes Adolfo Lutz, Artur de Mendonça e Bonilha de Toledo. Promissores corriam os trabalhos, quando Le Dantec teve que regressar à França assumindo a direção Adolfo Lutz que, desde 1885, investigava diferentes ramos da Biologia. Havia mesmo publicado sua notavel memória sobre o Ancilóstomo duodenal e outra sobre a morfologia do bacilo da lepra. Tinha ocupado, atendendo a especial convite, o cargo de diretor do Leprosário de Molukai, nas Ilhas Hawaii. “É um brasileiro capaz de dirigir o Instituto”, dizia Le Dantec ao se afastar do cargo.

A nomeação de Lutz para o Instituto Bacteriológico, em 18 de Março de 1893, marcou o início da Microbiologia no Brasil.

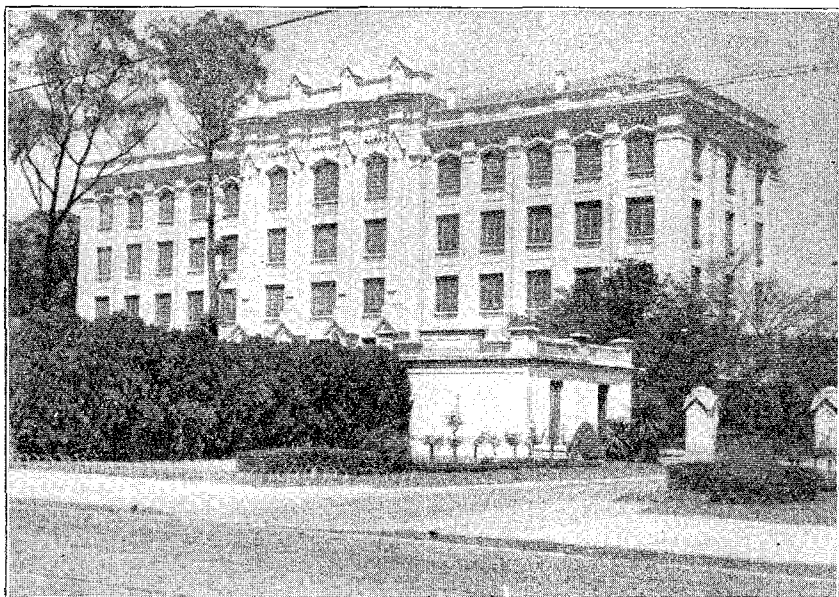
Lutz encarou todos os problemas da Microbiologia aplicada.

Demonstrou que os casos denominados de “Febres Paulistas” não passavam de casos verdadeiros de febre tifóide. Sofreu, por isso, tremenda campanha. Mas, a sua convicção baseava-se em fatos concretos. Havia autopsiado numerosos casos. Havia isolado do sangue de doentes e das vísceras de cadáveres o verdadeiro bacilo de Eberth, a quem enviara suas culturas, e de quem obtivera confirmação ampla.

No terreno do impaludismo, da peste, da varíola, cólera, disenterias, febres exantemáticas, são valiosíssimas as contribuições do Instituto Bacteriológico, ao tempo de Lutz.

É sabido que a história dos bacilos disentéricos começa no Japão, em 1898, com os estudos de Shiga. Adolfo Lutz, entretanto, já em 1891, tinha afirmado que, além da ameba, outro microorganismo deveria causar disenterias.

No dia 13 de Agosto de 1893 recebe Lutz material de doentes da Hospedaria de Imigrantes, suspeitos de cólera asiática. Estabelece o diagnóstico pelos exames bacteriológicos. O vibrião colérico foi isolado e comparado com culturas originais, obtidas de Roberto Koch. Em 1896 Lutz surpreende o mormo em São Paulo, em animais da Companhia Viação Paulista.



INSTITUTO ADOLFO LUTZ

Prédio autorizado e iniciado no Governo Cardozo de Melo Neto e
inaugurado no Governo Ademar de Barros.



INSTITUTO BACTERIOLÓGICO
Prédio antigo

Em 1899 apareceram, em Santos, os primeiros casos de peste bubônica. O diagnóstico é feito pelo Instituto Bacteriológico. Lutz isola o bacilo da peste e remete as culturas a Patrick Manson, Metchnikoff, Dumber e Nocht. Todos confirmam. Mas, a imprensa nega. Do Rio de Janeiro vem primeiro Chapot-Prevost para contestar o diagnóstico. Vem, depois, o próprio Osvaldo Cruz. Ambos, porém, à vista dos fatos, só puderam concordar e se ufanar do grande brasileiro.

Em 1900, Lutz assinala, entre nós, o tifo exantemático. Observações de autópsias. Em 1902 encontra o primeiro caso de Esporotricose. Em 1905 chega a vez da Blastomicose. Lutz descreve os primeiros casos. Nessas observações chegou a suspeitar ser o parasita responsável diferente do estudado por Posadas, na Argentina. Floriano de Almeida o confirma muitos anos depois.

A par de afirmativas de vulto, Lutz fazia, às vezes, observações interessantes, sem lhes dar maior importância. Aponto uma. Sabemos, desde 1931, depois dos estudos de Jordan, que alguns estafilococos, principalmente do tipo *aureus*, produzem no caldo de cultura, uma substância que, deglutida, causa gastro-enterite. Mc Burney verificou, mesmo, um surto de intoxicação alimentar, por estafilococos. Pois bem, nos relatórios de Lutz, antes de 1906, há referência a fato semelhante, quando, descrevendo casos de disenterias e distúrbios intestinais, assinala que muitas vezes não se encontram amebas nas fezes, nem bacilos disentéricos, mas que, por outro lado, se isola com frequência o estafilococo.

Difícilmente se penetra num assunto de microbiologia ou de protozoologia, sem que por aí tenha passado Lutz.

Em 18 de Outubro de 1896, há 45 anos, portanto, o Instituto passou a funcionar em prédio especialmente construído nos terrenos do Hospital de Isolamento. Feliz escolha. Do intercâmbio entre o Instituto que diagnostica as moléstias infecciosas e o Hospital que abriga os doentes, resultaram grandes ensinamentos em benefício da humanidade. Tornou-se clássica a repetição aí feita das experiências sobre a transmissão da febre amarela, realizadas em Cuba. Por essa época Lutz já estava em correspondência com as autoridades sanitárias dos Estados Unidos. Teve, assim, conhecimento das observações da Comissão Americana, as quais estavam de acordo com as observações que ele próprio fizera em Campinas. Já tinha iniciado seus estudos sobre os Culicídeos.

Emílio Ribas, então Diretor do Serviço Sanitário, reconhecendo a importância do caso, principiou a orientar os trabalhos do Serviço Sanitário de acordo com os resultados obtidos em Havana. Nessa ocasião, estabelecia-se a relação entre os casos de febre amarela e o mosquito transmissor. E São Paulo foi, provavelmente, o primeiro que auferiu resultados práticos das experiências de Cuba.

Em 1898, tendo Vital Brasil como assistente no Instituto Bacteriológico, Lutz enceta os seus trabalhos sobre Ofidismo. Em 1899, funda o Instituto Butantã, cuja finalidade primeira foi preparar soro anti-pésteoso, até então só preparado no Instituto Pasteur de Paris. Em 23 de Fevereiro de 1901, é reorganizado o Instituto Butantã e a direção confiada a Vital Brasil que o fez universalmente conhecido.

Em Novembro de 1908 deixa Lutz o Instituto Bacteriológico de São Paulo e, a convite de Osvaldo Cruz, inicia nova e proveitosa fase de investigações científicas em Manguinhos.

O criador de Manguinhos, então muito joven e possuído de ardentes sonhos de ciência e de trabalho, vinha de longe acompanhando a vida de Lutz e nele reconhecia o grande dianteiro nas investigações experimentais em nosso país.

Não falharam as previsões: Lutz tornou-se o maior fator da organização de Manguinhos e da formação científica dos seus pesquisadores. Os trabalhos de Zoologia médica depressa progrediram no Instituto. Entomologistas, parasitologistas de nomeada, cientistas de valor formaram-se ao lado de Lutz.

O Instituto Bacteriológico perdeu Lutz, mas, a figura do mestre jamais se apagou do espírito dos seus discípulos. Seu amor ao trabalho, seu devotamento à ciência ficaram como exemplo.

A direção do Instituto é, então, confiada a Carlos Meyer que já vinha trabalhando ao lado de Lutz. Todavia, Carlos Meyer preferia a administração aos encargos técnicos, por isso, foi transferido, mais tarde, para o Serviço de Demografia Sanitária. Passou a Diretor Teodoro Baima que também já era assistente do Instituto. Ativo, trabalhador, de bondade invulgar, Baima foi incansável no anseio de ver a obra de Lutz ampliada. Introduziu grandes melhoramentos no Instituto. Incentivou as publicações científicas e cuidou com carinho da biblioteca. Foi o introdutor em São Paulo da vacinação anti-tífica. Debela o surto epidêmico de febre tifóide

que em 1914 ameaçava a Capital, vacinando primeiro nos quartéis, depois nos asilos e orfanatos. Com Bruno Rangel Pestana, seu assistente, e Sebastião de Camargo Calazans, então acadêmico de medicina, vai ao Paraná, atendendo ao apelo do Governo daquele Estado, e com eles estanca a grave epidemia que dizimava a população. Vai ao Maranhão, em comissão do Instituto, e combate uma epidemia de peste bubônica. Diagnostica, pela primeira vez, no Estado de São Paulo, a moléstia de Chagas e realiza pesquisas sobre amebas, tentando o seu tratamento pela adrenalina. O estudo sobre *Phlebotomus* prende-lhe a atenção e grande atividade desenvolve com Bruno Rangel Pestana em torno do palpitante problema das águas de abastecimento de São Paulo. Foram seus assistentes, além de Bruno Rangel Pestana, — Antônio Ulhoa Cintra, Alexandrino Pedroso e José Bernardino Arantes.

Conheci Baima, em 1916, quando o procurei para escolher o assunto de minha tese de doutoramento. Empolgava-o, no momento, a vacinoterapia da coqueluche, assunto a que me dedico desde aqueles ensinamentos.

Em 1918 voltei a trabalhar com Baima, mas a nossa convivência foi curta. A epidemia de gripe o vitimou no desempenho das suas funções.

Ulhoa Cintra o sucedeu. Moço de caráter, trabalhador honesto, pouco tempo permaneceu à frente do Instituto. Durante a sua curta mas inteligente gestão, Sebastião de Camargo Calazans e eu entramos para o quadro de assistentes, ao lado de Bruno Rangel Pestana.

Depois de Ulhoa Cintra tivemos, por algum tempo, Jesuino Maciel e, em seguida, Alexandrino Pedroso, que já fora assistente e passara a catedrático de Microbiologia da Faculdade de Medicina. E não foi o único. Adolfo Lindenberg também deixara o Instituto para ocupar a cátedra de Dermatologia e Sifiligrafia da Faculdade. Mas Lindenberg, mesmo professor, continuou no Instituto, investigando. Identificou o parasita da úlcera de Baurú e fez notáveis trabalhos sobre lepra e as micoses em geral.

Alexandrino Pedroso deixa também um magnífico passado científico. Entre as suas realizações de vulto se destacam os primeiros estudos, entre nós, sobre a blasmoticose negra, hoje dita Cromoblastomicose, e sobre a Leishmânia causadora da úlcera de Baurú.

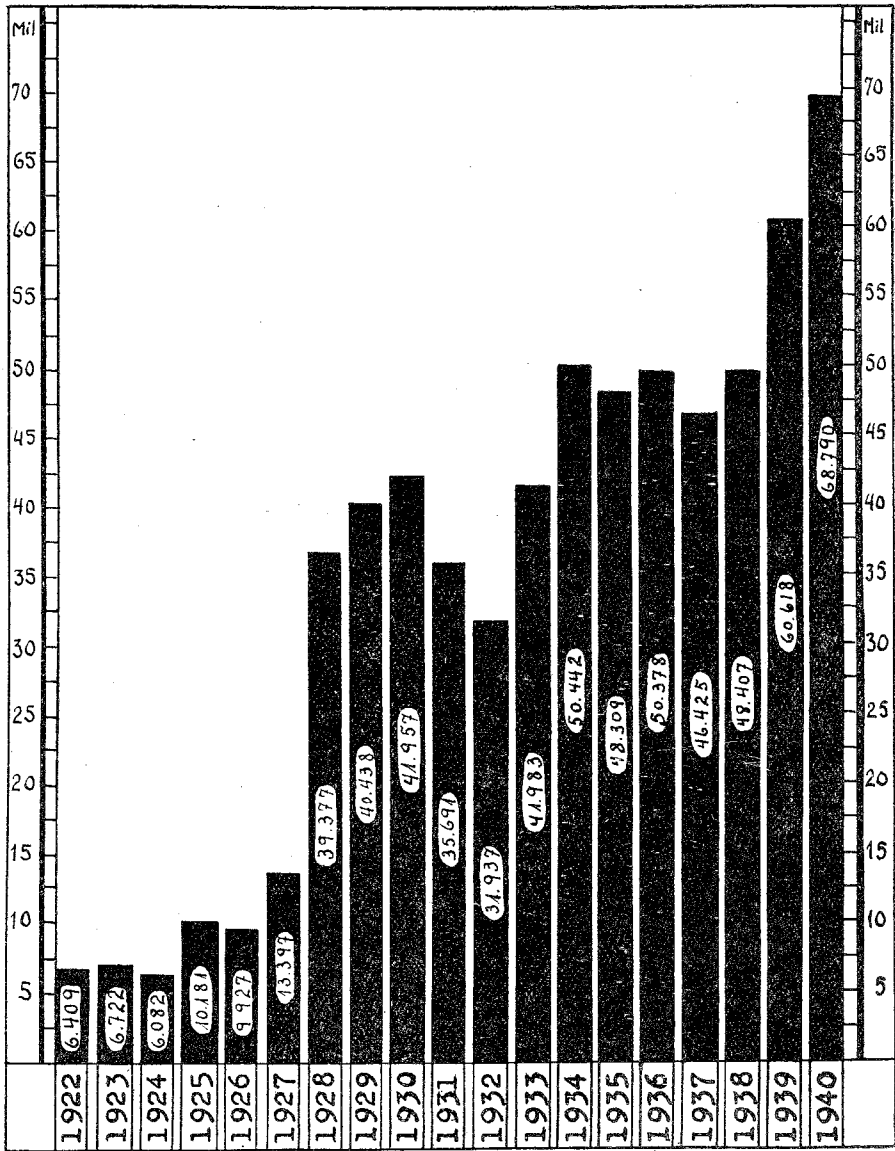
Alexandrino Pedroso falece de meningite cérebro-espinhal contraída no Instituto. Tive que assumir a direção a 19 de Outubro de 1922. Conteí, de início, com a colaboração amiga e leal de Bruno Rangel Pestana e Sebastião de Camargo Calazans; mais tarde, de Joaquim Pires Fleury e Luis de Sales Gomes, até que novos elementos vieram ilustrar ainda mais o quadro de assistentes.

Por esse tempo mais estreitas se tornaram as relações entre o Instituto e o Hospital de Isolamento, facilitando inúmeras pesquisas. Por ocasião do surto de tifo exantemático, em 1929, houve não só perfeito entendimento entre esses estabelecimentos vizinhos, como colaboração ampla de outros Institutos científicos de São Paulo. E o resultado foi uma fileira de trabalhos notáveis. José de Toledo Piza, então médico interno do Hospital, traça características epidemiológicas e clínicas próprias do tifo exantemático de São Paulo. Luis de Sales Gomes estuda particularidades do virus, chegando a conclusões preciosas. No Butantã, Lemos Monteiro se desdobra em torno das pesquisas não só sobre o virus, sua transmissão, suas relações cruzadas com virus vizinhos, como sobre o preparo da vacina, usando carrapatos. Vítima do seu devotamento, morre de tifo exantemático. No Instituto Biológico, Juvenal Ricardo Meyer estuda a parte anátomo-patológica. A nós cabe isolar uma raça de *Proteus* aglutinada fortemente pelos soros de doentes de tifo exantemático. Enviado o germe a Felix, esse autor verificou ser o tipo de *Proteus* que corresponde antigenicamente ao tifo reinante em São Paulo e propõe a denominação de *Proteus XL* (raça Lima).

Em muitas outras oportunidades se evidenciou a clarividência com que os dirigentes de São Paulo localizaram o Instituto Bacteriológico ao lado do Hospital de Isolamento. Ainda está no espírito de todos a ameaça que sofreu São Paulo, em 1936, duma epidemia de peste pulmonar, surpreendida graças à ação conjunta dos médicos do Hospital e do Instituto.

Já era patente, quando assumí a direção, a necessidade duma remodelação do Instituto e a conveniência de se reunirem em estabelecimento único, o Instituto Bacteriológico e o Laboratório Bromatológico.

O Bromatológico tem também uma trajetória brilhante. O primeiro passo para a sua formação após a lei n.º 43 que o criou, foi a nomeação do farmacêutico Pedro Rodrigues da Costa Dória para o cargo de Analisador Químico.



INSTITUTO BACTERIOLÓGICO
 Movimento de exames de 1922 a 1940
 (Diretoria Carvalho Lima).

Em 1893 é contratado para organizar o Laboratório, o químico francês Marcel Lachaud. Em 1894 é nomeado para diretor Henrique Schaumann. O seu primeiro gesto foi, em officio ao Secretário do Interior, desistir do ordenado em favor do edifício que se destinara aos Laboratórios de Análises Químicas e Bromatológicas. Succedem-lhe Caramurú Pais Leme, Antônio de Campos Sales. Alí trabalharam Pedro Batista de Andrade, Adelino Leal e muitos outros.

De 1925 em diante, o Laboratório Bromatológico não mais teve diretor. Passou a constituir dependência da Inspeção do Policiamento da Alimentação Pública, proficientemente chefiada por Nicolino Morena. O decreto-lei n.º 11.522, do Snr. Interventor Ademar de Barros fundiu o Instituto Bacteriológico e o Laboratório Bromatológico.

O novo Laboratório Central de Saude Pública de São Paulo passou a funcionar no magestoso prédio construído para o antigo Instituto Bacteriológico. A inauguração se realizou com toda solemnidade a 27 de Outubro de 1940.

A necessidade de novo prédio para o Instituto se fazia sentir há anos. Todos quantos trabalhavam no velho Bacteriológico ansiavam pelo dia em que pudessem ver o tradicional estabelecimento elevado à altura dos crescentes progressos do Estado e funcionando com instalações condignas.

Foi o governador Cardozo de Melo Neto que, por um decreto especial, não só autorizou a construção como abriu o crédito necessário à sua realização. Sua Excia. verificou o local em que seriam marcados os alicerces e o ante-projeto do edifício foi enviado à Secretaria da Viação onde, sob a orientação de Prestes Maia, passou por cuidadoso estudo, não só no tocante ao seu aproveitamento interno como às suas linhas arquitetônicas.

Ao assumir o governo, o Exmo. Snr. Dr. Ademar de Barros encontrou a construção em fase adiantada do concreto armado. As obras prosseguiram normalmente. Houve, todavia, ordem superior para a sua paralisação, sob fundamento que deveria passar, alí, uma avenida de acesso ao Hospital das Clínicas. Mas, após melhor estudo da questão, o Snr. Dr. Ademar de Barros não só determinou o seu prosseguimento imediato, como autorizou melhoramentos visando enriquecer, ainda mais, o grandioso projeto.

Coube também ao Dr. Ademar de Barros dar nova organização ao Laboratório Central de Saude Pública de São Paulo, centralizan-

do no Instituto Adolfo Lutz os dois tradicionais laboratórios — o Instituto Bacteriológico e o Laboratório Bromatológico, conferindo-lhe, também, outras importantes atribuições.

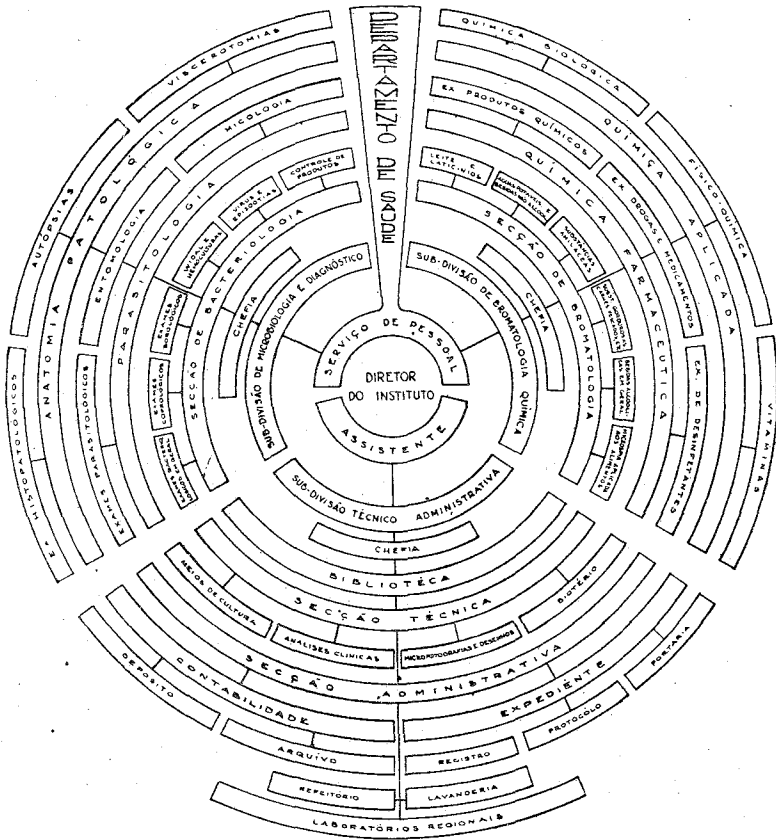
Não é nova a idéia de centralização dos serviços de Laboratório de Saúde Pública de São Paulo.

Já em 1913, quando contratado para o Instituto Bacteriológico, o Prof. Martin Ficker, autoridade respeitável na matéria, solicitado pelo governo do Estado apresentou o primeiro plano de reorganização dos laboratórios e aconselhava a fusão do Bacteriológico e do Bromatológico. Os diretores do Departamento de Saúde — Geraldo de Paula Sousa, Francisco Borges Vieira, Francisco Sales Gomes Jr., Sebastião de Camargo Calazans e Humberto Pascale sustentaram o mesmo ponto de vista. De minha parte, espousei com ardor a idéia desde que assumi a direção do Instituto Bacteriológico. Para estudar a sua execução, fui enviado pelo governo aos Estados Unidos e à Europa, sendo substituído, na direção do Instituto, pelo Dr. Sebastião de Camargo Calazans. E se naquela época a tendência da centralização já se manifestava com oportunidade, tornou-se inadiável nos nossos dias.

A concentração dos laboratórios não constitui, aliás, necessidade exclusiva da organização sanitária de São Paulo. Todos os países adiantados têm resolvido esse problema, unificando as atividades sanitárias dos laboratórios. Podemos citar, como modelo, nos Estados Unidos, o Laboratório de Albany, do Departamento de Saúde do Estado de Nova York. A essa organização muito se assemelha a atualmente adotada no Instituto Adolfo Lutz.

O decreto que criou o Instituto traçou-lhe, também, diretrizes de grande alcance. Instituiu a carreira de biólogo, uma das nossas maiores aspirações. Até então, um assistente que já contasse 30 anos de serviço e um recém-formado que entrasse para o quadro percebiam os mesmos vencimentos. Nenhum direito ou regalia a mais, nenhum aumento ou vantagem para quem empregasse o melhor de sua mocidade na manutenção do prestígio do Instituto. As outras carreiras como a de químico e a de técnico de laboratório, muito concorreram para maior estímulo geral. Foi exigido diploma de curso superior para biólogos e químicos e curso secundário para os técnicos. Sem base de humanidades não se formam técnicos.

O Instituto foi distribuído em três sub-divisões: Técnico-administrativa, de Microbiologia e Diagnóstico, e de Bromatologia e Química. Isso permitiu repartir os serviços e atribuições, promo-



ORGANIZAÇÃO DO INSTITUTO ADOLFO LUTZ

vendo uma colaboração mútua e eficiente entre os quadros técnicos e aliviando a Diretoria de encargos burocráticos que consumiam boa parte do seu tempo. Também a disciplina interna muito se beneficiou com essa divisão do trabalho. Na parte técnico-administrativa, além dos encargos da Secretaria ficaram os serviços de Meios de cultura, Análises clínicas e Biotério, o que redundou num melhor aproveitamento do pessoal, grande eficiência e controle na distribuição de meios de cultura, vasilhame e animais de laboratório.

A sub-seção de meios de cultura vem merecendo grande atenção. Desde a instalação até o seu aparelhamento procuramos prover o serviço de tudo quanto exigem hoje os progressos da ciência para eficiência e perfeição da técnica. Câmaras assépticas para distribuição de meios, fornos e autoclaves modernos, e, sobretudo, técnicos devotados e competentes.

No Biotério, já bem estudado para próxima construção, além dos pavilhões destinados a animais diversos, inoculados ou não, figuram um pavilhão central para serviços especiais de exames de ratos suspeitos de peste e trabalhos sobre virus, salas de autópsias para cadáveres de moléstias infectuosas, e laboratórios anexos para colheita e preparo de material para exames histopatológicos e bacteriológicos. Haverá escritório, pavilhão para lavanderia, depósito para alimentos de animais e forno crematório. A construção do biotério, alma dos laboratórios bem montados, completará definitivamente a instalação do Instituto Adolfo Lutz.

Além dos exames necessários ao esclarecimento de diagnósticos de doenças de imediato interesse para a saúde pública, o Instituto vai proceder a análises de puro interesse clínico. Essas análises serão gratuitas para o Hospital de Isolamento "Emílio Ribas" e quando para complemento de diagnóstico de moléstia infectuosa. Para particulares, o governo estabeleceu preços, sem, entretanto, ferir interesses dos especialistas, uma vez que a tabela adotada foi a mesma dos laboratórios de análises particulares.

O funcionamento do laboratório de análises clínicas após a regulamentação do Instituto e uma propaganda eficiente, não só beneficiará os serviços de Saúde Pública e o público em geral, como poderá constituir apreciável fonte de rendas para o Estado.

A sub-divisão de Microbiologia e Diagnóstico enfeixou três seções: Bacteriologia, Parasitologia e Anatomia Patológica. Em poucos meses tivemos a prova do acerto da medida.

meu caro Cavacko Lima

Saúde e paz em companhia
de todos os seus.

Senti muito não estar em
vossa casa no momento em que v. d.,
com tanta gentileza, me veio con-
vidar para assistir à inauguração do
novo prédio do Instituto Zootécnico,
que meu governo fez questão de im-
plantar e levar adiante, apesar das
aperturas financeiras daquele momen-
to.

Não podendo, por motivo
de força maior, comparecer, peço
que v. d. e sey dedicado, companheiro,
me dêem, em espírito, como presente,
e acompanhando de longe, mas
com os olhos do coração, o indefesso
trabalho que realizam em silêncio
com tanto respeito e competência.

Um grande e
afetuoso abraço do velho amigo e amigo

Cardozo de Melo Neto

S. Paulo, 27 Outubro 1940.

A secção de Bacteriologia se encarrega de quasi todos os exames de maior interesse para a saude pública: exames bacteriológicos, sorológicos e biológicos. E' a secção de maior movimento do Instituto.

A secção de Anatomia Patológica faz as autópsias necessárias ao Hospital de Isolamento ou ao Departamento de Saude e se encarrega dos exames histopatológicos, inclusive os destinados aos serviços de Cancer.

A secção de Parasitologia faz não só os exames parasitológicos e entomológicos em geral, como as pesquisas atinentes às micoses. No momento procede a importantes investigações sobre as tinhas nas escolas e asilos de São Paulo.

A sub-divisão de Bromatologia e Química compreende as secções seguintes: Bromatologia, Química Farmacêutica e Química Aplicada. Nessa sub-divisão pensamos criar nova secção que, por ora, funciona como sub-secção — a de Controles biológicos. Essa secção, a cargo de biólogos e químicos, desempenhará papel proeminente na vida do Instituto. Aí se fará o controle dos produtos biológicos, como soros e vacinas, e dos medicamentos; verificar-se-á a esterilidade dos produtos fabricados pelo Estado ou vendidos no mercado, inclusive do material empregado nas suturas cirúrgicas; far-se-á o controle biológico dos alimentos, inclusive microscopia alimentar, exames para pesquisa de anaeróbios em geral e botulismo em particular, e, tambem, o controle biológico de água e leite.

Exceção, pois, do biotério, todas as secções do Instituto foram ou estão sendo adequadamente instaladas e se acham em pleno funcionamento, graças a créditos que o Governo do Estado promoveu. Mobiliário fino para as salas da Diretoria e Secretaria, magnífica sala de conferências, instalações completas para a biblioteca, perfeito sistema de fichários, telefones internos, moderna aparelhagem de microscopia, física e química.

De tudo foi o Instituto provido e, magnificamente equipado, iniciou, este ano, nova e promissora fase. Atende ao Estado inteiro. Na Capital recebe material de todos os serviços do Departamento de Saude, do Hospital de Isolamento e serve ao público em geral. Para o interior realiza quasi todos os exames dos Centros de Saude e Postos de Higiene. O número de análises e exames para diagnóstico atingiu a estupenda cifra de 20.574, no primeiro trimestre. De 6.298 em Janeiro, passou a 6.561 em Fevereiro e

7.715 em Março, dando uma média de quasi um exame por minuto e representando um valor total de Rs. 937:230\$000, o que faz prever cerca de 100.000 exames para o ano. no valor de, aproximadamente, Rs. 4.000:000\$000.

O pessoal técnico e burocrático tornou-se insuficiente para atender a todas as necessidades dos exames de rotina e dos serviços de secretaria. O Governo do Estado já cogita da ampliação do quadro, pois, o Instituto terá, também, que zelar pelo seu patrimônio científico. Técnicos que ao lado dos serviços de rotina não empreendem investigações com eles relacionados, são candidatos certos à fossilização.

O Instituto manterá as tradições do seu passado brilhante. A escola de Lutz, já sustentada por Bonilha de Toledo, Vital Brasil, Teodoro Baima, Alexandrino Pedroso, Adolfo Lindenberg, e muitos outros, não será diminuída pelos que integram hoje o corpo técnico do Instituto Adolfo Lutz.

Organizaremos, e são dos planos do Departamento de Saude, os laboratórios regionais, onde os métodos serão os nossos e cujos técnicos conosco virão completar a sua aprendizagem.

Já iniciamos o nosso livro de técnica contendo todos os métodos padrões adotados nos laboratórios. A parte do antigo Instituto Bacteriológico mais ou menos estava feita. Trabalha-se ativamente no ramo da Bromatologia e Química e no que diz respeito aos controles biológicos. Será a difusão por todo o país, das técnicas iniciadas por Felix Le Dantec e Adolfo Lutz, no Instituto Bacteriológico, e por Lachaud, Pedro Batista de Andrade e Adelino Leal, no Laboratório Bromatológico, e aperfeiçoadas segundo a evolução da ciência.

As nossas reuniões científicas que já se realizavam normalmente tornar-se-ão cada vez mais interessantes e proveitosas, graças ao trabalho em conjunto de químicos e biólogos.

Ao lado do papel altamente beneficiador dos interesses do Departamento de Saude e das necessidades gerais que pela evolução normal do Estado lhe foram impostas, o Instituto Adolfo Lutz levará avante o seu programa científico. A lei que o reorganizou, conservou-lhe, além de outras, a responsabilidade do estudo da etiologia das epidemias e endemias e das epizootias que se transmitem ao homem, característica que fez do antigo Instituto Bacteriológico um estabelecimento de renome universal. E se o diagnóstico das moléstias

infecciosas e os meios de defesa do organismo necessitam de cuidados especiais, não menos importantes são os estudos que se deverão realizar em torno da Bromatologia e da Química. As duas ciências — Bacteriologia e Química — marcham unidas nas investigações modernas. Os fenômenos físico-químicos regem não só as mais delicadas reações imunológicas como o metabolismo microbiano e, para serem estudados à luz dos conhecimentos atuais, não podem prescindir da química pura. Biologistas e Químicos do Instituto Adolfo Lutz tem, portanto, mais um dever a cumprir — Pesquisar.

Para divulgar essas pesquisas, apresentamos hoje a REVISTA DO INSTITUTO ADOLFO LUTZ que, preenchendo uma enorme lacuna, satisfaz, também, a uma das maiores aspirações dos discípulos de Lutz. Será, finalmente, o testemunho de que o espírito do grande biologista ainda dirige a sua escola.